



Diálogos online. As intersemioses do gênero *Facebook*

Dialogues online. The intersemiosis of gender Facebook

Matheus Berto¹
Dra. Elizabeth Gonçalves²

RESUMO A evolução tecnológica ampliou as formas de interação social, porém as características básicas da linguagem – o dialogismo e a intertextualidade – conservam-se no novo gênero discursivo que identifica o Facebook. O artigo apresenta elementos para reflexão sobre as características comunicacionais do *Facebook*, evidenciando as diferentes semioses que o compõem, ora muito próximas da comunicação interpessoal, do gênero primário do discurso (conforme Bakhtin), ora afastando-se desse gênero para compor uma comunicação mais complexa, com elementos específicos desse novo processo interativo. A reflexão é subsidiada pelas teorias da linguagem e do discurso, em especial da linha francesa da Análise de Discurso, a partir de revisão de literatura e observação dos fenômenos de comunicação do *Facebook*.

PALAVRAS-CHAVE Comunicação; linguagem; discurso; semiose; *Facebook*.

ABSTRACT The technology evolution has propitiated the expansion of the social interaction forms, however the basic features of language - dialogism and intertextuality - are preserved in this new genre of discourse that identifies the Facebook. The article presents elements of reflection about the communication features of Facebook, showing the different semiosis that comprises itself, sometimes close from the interpersonal communication, from, the primary genre of discourse (as Bakhtin), sometimes turning away from this genre in order to compose a more complex communication, with specific elements of this new interactive process. The reflection is subsidized by the theories of language and discourse, especially the French line of Discourse Analysis, from the literature review and observation of the communication phenomenon of Facebook.

KEYWORDS Communication; language; discourse; semiosis; Facebook.

1 Publicitário graduado pela PUC-Campinas, Especialista em Marketing, graduado pela Madia Marketing School e Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. E-mail: matheusberto@hotmail.com

2 Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP (1999). Docente e pesquisadora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da UMESP. Responsável pelo grupo de pesquisa “Estudos Comunicação e Linguagem”. Site: <http://www.elizabethgoncalves.pro.br/> E-mail: bethmgoncalves@terra.com.br



Introdução

O cenário comunicacional desenhado pelas mídias digitais tem a interatividade como conceito chave, pois a busca por diferentes formas de interação e participação é cada vez mais facilitada pelas novas tecnologias. Porém, algo que parece tão moderno já pode ser encontrado, em outra dimensão, evidentemente, na noção bakhtiniana de linguagem, a qual apresenta o dialogismo como seu princípio constitutivo, ou seja, só a interação entre os sujeitos e o texto em um processo enunciativo estabelece as condições de sentido da mensagem em um ambiente único e irreproduzível. Da mesma forma, o conceito de intertextualidade de Pêcheux pode ser entendido com clareza na dinâmica dessa prática comunicativa das novas formas de interação.

O *Facebook* viabiliza uma forma de interação social complexa, na qual diferentes signos relacionam-se para compor a mensagem. Portanto, a noção de texto ultrapassa os limites do código linguístico, ao se associar com outras semióticas. Este estudo se propõe a discutir essa semiose e suas implicações na composição de um novo gênero discursivo digital. A discussão está subsidiada pelas teorias da linguagem e do discurso, sobretudo na Análise do Discurso da linha francesa que pressupõe as condições de produção e de recepção na organização dos sentidos das mensagens.

O processo comunicativo: Dialogismo, polifonia e intertextualidade

Abordar os conceitos básicos da linguagem e do discurso para discutir uma forma de comunicação da atualidade é uma proposta de trazer à tona a discussão de que a tecnologia muda e as formas de interação, conseqüentemente, se alteram, porém os efeitos de sentido ainda se dão no diálogo entre os sujeitos, considerando suas condições históricas e sociais.

Para Bakhtin, o autor nunca está sozinho, o texto nunca é o primeiro, original, pois traz consigo referências a textos anteriores ou servirá de referência a textos posteriores, ou ainda, o simples fato de enunciar alguma coisa pressupõe a existência do outro: “O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*” (BAKHTIN, 1997, p.357). Essa relação entre textos e a existência de um “eu” que pressupõe a existência de um “outro” implica necessariamente a presença de várias vozes em um enunciado ou em uma polifonia, para usar a terminologia do autor.

Abordar a linguagem nessa perspectiva pressupõe que não limitemos a noção de texto à escritura, diferenciando-o das manifestações orais, pois esta oposição está focada no suporte ou no meio de veiculação e não na complexidade e unidade que caracterizam o texto como produção multissemiótica. Dessa forma, “uma receita de cozinha, um outdoor ou um artigo de jornal, um discurso político, um curso universitário ou uma conversa não comporta apenas signos verbais, eles são igualmente feitos de gestos, de entonações e de imagens” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.466). Quando se trata de formas de comunicação digitais, a exemplo do *Facebook*, objeto deste estudo, podemos verificar que o uso de múltiplos signos associados e a busca de novas formas de manifestação desses signos estão na base do processo comunicacional, permitindo a relação entre os sujeitos e entre os textos produzidos, um a partir do outro. É o que Maingueneau (*apud* KOCH, 2002, p.60) chama de interdiscursividade: “Um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”. Nesse contexto a autora baseia-se no conceito original da intertextualidade



em Pêcheux (1969): “dado discurso envia a outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais, ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio...” (PÊCHEUX *apud* KOCH, 2002, p.60).

Esta fundamentação teórica nos permite discutir os signos que compõem as formas interativas do *Facebook* como um processo plurissemiótico de comunicação, capaz de ilustrar, na prática, o que os teóricos há décadas vêm descrevendo. Porém, a inovação no formato e na articulação dos signos caracteriza um gênero diferenciado – o gênero discursivo digital.

A enunciação na internet e a teoria Bakhtiniana de gêneros

O avanço das tecnologias digitais contribuiu para a evolução da linguagem e da conversação, abrindo espaço para o surgimento de novas construções semânticas e esferas enunciativas. Contudo será que o homem conseguirá desenvolver novas ferramentas conversacionais ou tudo o que virá será repetição das ferramentas atuais apresentadas apenas em uma nova roupagem?

Essa é uma pergunta que, por enquanto, não possui uma resposta exata. Entretanto, pode-se afirmar que o homem, na qualidade de ser social, sempre buscará novas formas de se comunicar e de expressar seus desejos, pensamentos e opiniões. Nesse sentido é correto pensarmos que, da mesma forma que a tecnologia comunicacional evoluirá e se superará a cada dia, novos gêneros digitais, novos signos e novas semioses também emergirão, na tentativa de criar novos universos de linguagem e equiparar o diálogo existente no plano virtual àquele existente no plano físico.

Esse desenvolvimento continuará a alterar as

plataformas e as ferramentas enunciativas, uma vez que as mesmas deverão adaptar-se a essas novas esferas comunicacionais. Entretanto, acredita-se que a base escrita, hoje primordial em todo o processo de interação digital, se manterá como pilastra do processo comunicacional virtual, ainda que novas ferramentas e semioses surjam para completá-la e enriquecê-la de sentidos.

Para o linguista Mikhail Bakhtin, em suas proposições sobre as teorias de gêneros, esses podem ser entendidos como textos concretos situados em um momento histórico e sensíveis a mudanças e progressos sociais e culturais, embora relativamente estáveis em seus estilos e suas estruturas.

Tal definição ajuda-nos a compreender a emergência de gêneros digitais como o *Facebook* em um momento em que a sociedade e os grupos que a compõem tentam reorganizar suas tradições culturais e conversacionais de forma a adaptar-se às novas ferramentas enunciativas existentes. Com base nesse contexto, somos levados a crer que as teorias de gênero apresentadas por Mikhail Bakhtin há mais de um século mantêm-se contemporâneas.

Na tentativa de jogar luz sobre essa discussão, outro ponto que precisa ser ressaltado é a interação comunicacional entre as personagens presentes no processo enunciativo, uma vez que, sem essa interação, não existe diálogo e sim uma comunicação com sentido único.

Acerca desse assunto, Bakhtin afirma que as interações comunicacionais dependem do seu momento de produção e da estrutura sócio-política dos envolvidos, bem como da psicologia do corpo social apresentada nos atos da fala, para que haja uma atribuição de sentidos ao enunciado, e completa seu pensamento dizendo que em cada contexto e em cada época um dado grupo social possui um repertório de formas de discurso utilizado



em seu intercâmbio comunicacional. (BAKHTIN, 1978, p. 42-43).

Tal proposição ajuda a explicar por que uma mesma personagem pode apresentar uma informação em uma rede social virtual, seguindo um padrão linguístico específico, e a mesma informação seguindo outro código em uma outra rede social distinta.

Dessa forma, torna-se necessário ressaltar que, ainda segundo Bakhtin, os gêneros são organismos flexíveis que se adaptam ao contexto enunciativo proporcionando uma maior liberdade e fluidez na hora da enunciação, atributos básicos e essenciais ao dialogismo, fator constitutivo da linguagem humana. Ou seja, na enunciação, tanto o emissor quanto o receptor precisam ser encarados como órgãos ativos e produtores de conteúdo (SILVEIRA, 2005).

Conduzindo essa ideia para os diálogos digitais, é possível crer que é justamente esse perfil colaborativo da internet e das redes de interação social – como o *Facebook* – que proporcionou a criação dos gêneros digitais emergentes, uma vez que quanto mais essa prática comunicacional torna-se presente e enraizada no cotidiano social, maior é a necessidade de buscar novas formas e ferramentas de expressão que enriqueçam o conteúdo presente no momento da enunciação.

Os gêneros digitais emergentes e a comunicação digital

Antes de iniciarmos essa discussão, torna-se importante ressaltar que esse trabalho baseou-se na visão de gêneros emergentes proposta por Marcuschi (2005, p.32), que define os gêneros digitais emergentes como formas de interação pessoal apresentadas em ambiente virtual e caracterizadas pela interatividade e pela comunicação síncrona.

Nessa mesma obra o autor afirma também que

essa categoria genérica proporciona uma interação social que, além da escrita, garante a inserção de elementos visuais e sonoros (como imagens, fotos, vídeos, músicas e sons), garantindo uma “integração de recursos semiológicos”.

O homem, enquanto ser social, possui uma necessidade inerente de se comunicar, observada através das várias formas de linguagem (tais como a fala, a escrita e a linguagem de sinais), dos diversos códigos e das diferentes formas de construção linguística existentes. Esses diferentes formatos comunicativos são frutos de sucessivas evoluções dos sistemas de linguagem.

Nesse contexto, a evolução das tecnologias comunicacionais advindas principalmente do surgimento da internet permitiu uma alteração significativa na forma como interagimos e nos comunicamos em um contexto social, principalmente através da criação das redes sociais virtuais (CASTELLS, 2009, p.22). Através delas tornou-se possível a interação simultânea, ou não, com diferentes indivíduos rompendo as barreiras geográficas, temporais e linguísticas, empecilhos que antes eram significantes no resultado do processo comunicacional.

Lévy (1999, p.20), em sua discussão sobre a cibercomunicação, afirma que a emergência de uma nova sociedade mundialmente interconectada através de redes comunicacionais possibilitou aos usuários a oportunidade de interagirem e se comunicarem de forma democrática, aberta e acessível, consolidando uma vez mais a ideia de convivemos em uma única “Aldeia Global”. Nesse sentido, a teoria de Piérre Levy vai ao encontro da ideia de “Mundo Plano” proposta por Thomas Friedman, que serviu de base para os argumentos apresentados neste trabalho.

O surgimento dessa nova sociedade baseada no intercâmbio livre de informações foi possível apenas



com o advento de uma Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), que mudou de forma profunda a maneira através da qual as pessoas interagem e se comunicam dentro de um grupo social (RECUERO, 2009b). Essa nova mediação comunicacional merece destaque uma vez que, além de promover a reunião de diversos grupos convergentes e divergentes em uma mesma rede social, garantiu um espaço de livre expressão para as opiniões, semelhante ao existente nas ágoras gregas.

Todas essas evoluções tecnológicas observadas no âmbito comunicacional criaram uma nova forma de ser social, que satisfaz sua necessidade de expressão através da transferência e importação de conteúdos e informações digitais, e do diálogo com outras pessoas existentes, em muitos casos, apenas no plano virtual.

Essa necessidade do internauta em manifestar suas opiniões e compartilhá-las com outras pessoas conectadas à rede mundial de computadores abriu espaço para a criação de um “novo mundo linguístico”, e a mudança gerada por essa nova linguagem é tão profunda e enraizada no dia-a-dia da sociedade contemporânea que a expressão “e-³” é cada vez mais observada no vocabulário social, tendo sido considerada a expressão do ano de 1998, sinalizando claramente a presença da comunicação eletrônica no cotidiano da escrita (CRYSTAL, 2001, p.21; 2007, p.89). Na verdade, a existência desses elementos do mundo “*online*” no cotidiano do mundo “*offline*”, através do fenômeno conhecido como *transmídia*, é tão constante que essa divisão entre as duas esferas é cada vez mais inexistente no contexto em que eu posso estar presente nos dois mundos de formas diferentes e simultâneas.

3 Segundo Marcuschi (2004, p.14), essas expressões dizem respeito a atividades presentes no mundo físico e transportadas para o mundo virtual como as cartas (e-mail), os livros (e-books), compra e venda de mercadorias (e-commerce) etc.

Nesse cenário evolutivo, os gêneros linguísticos, na qualidade de produtos sociais, também foram afetados a fim de se modificarem e se adaptarem a essa nova proposta de comunicação e suas inúmeras possibilidades expressivas, tornando a internet um terreno fértil para o surgimento de novos gêneros textuais, chamados gêneros emergentes (BRAGA, 2005, p.756, apud PINHEIRO, 2010).

Dessa forma, pode-se definir os gêneros emergentes no meio digital como agrupamentos comunicacionais através dos quais os usuários da rede interagem entre si e promovem a transferência de conteúdos informativos, de forma escrita ou ágrafa, objetivando a manutenção dos laços sociais.

Ressalta-se, porém, que o surgimento de gêneros emergentes da cibercultura, a exemplo do surgimento do cinema e do rádio, não representará o fim dos gêneros atuais, mas sim a criação de um novo gênero único, com suas tradições e códigos originais que servirão para a reorganização paulatina e natural das estruturas comunicacionais e sociais (LÉVY, 1999, p. 146).

Nos meios digitais são muitos os gêneros emergentes existentes, com destaque para o bate-papo virtual (aberto, reservado ou em salas privadas), o endereço eletrônico e a videoconferência, por exemplo, e variados também são os recursos operacionais disponíveis nesse gênero, como postagem de imagens, sons, vídeos e linguagens exclusivas, que garantem uma interação maior entre os usuários a partir de diálogos em produções síncronas (MARCUSHI, 2005).

Nesse contexto o *Facebook*, mídia social de origem estadunidense baseada na interação intra-usuários através de múltiplas plataformas conversacionais, desponta nesse cenário uma vez que concentra em si semioses presentes em diversos outros gêneros emergentes, como postagem de fotos, armazenamento de informações escritas de



diversas formas diferentes, compartilhamento de vídeos e sons etc.

A intersemiose de todos esses recursos é uma das características mais importantes da conversação realizada através dos gêneros digitais emergentes, uma vez que, através delas, as informações podem ser interpretadas, re-interpretadas e compartilhadas, enriquecendo a comunicação e o diálogo nessas plataformas conversacionais (ARAÚJO, 2004). Por isso, para compreender de que forma cada uma dessas semioses contribui para um enriquecimento da qualidade linguística dos diálogos online, torna-se importante uma análise das semioses presentes nesse gênero digital emergente.

As intersemioses presentes no Facebook

Antes do início dessa discussão, torna-se pertinente uma breve apresentação dos mecanismos de funcionamento desse gênero digital e das personagens envolvidas no processo comunicacional. O *Facebook* é uma rede social na qual uma personagem central, aqui denominada usuário-moderador, posta informações em seu perfil pessoal⁴ através de diferentes plataformas as quais são acessadas por um grupo de pessoas pré-determinadas por ele, aqui chamadas de usuários-seguidores, as quais interagem entre si produzindo novos elementos. Vale ressaltar que dentro da rede todos os usuários são ora moderadores (quando estão postando comentários no seu próprio perfil), e ora seguidores (quando estão postando informações no perfil de outras pessoas).

É importante salientar que essa estrutura hierárquica, aqui observada, na qual um usuário principal inicia as discussões e outros secundários a complementam, corrobora com os estudos

4 Perfil pessoal é o nome dado à página pessoal de cada usuário que contempla informações como nome, sexo, idade, hábitos sociais etc, de preenchimento facultativo de cada usuário.

efetuados por Miller (1994, p. 71) ao referir que os gêneros são responsáveis pela conservação das estruturas de autoridade e poder necessárias para a manutenção das estruturas comunicativas e culturais da sociedade.

Outro ponto que merece ser destacado é a definição do conceito de semiose utilizado como base para as discussões apresentadas nesse trabalho. Portanto, emprega-se neste aqui a ideia de semiose observada por Marcuschi (2002) ao apontar os signos verbais, sons, imagens e formas em movimento como principais tipos de semioses presentes nos gêneros digitais emergentes. Dessa forma, o objetivo principal dessa seção não é apresentar apenas as principais semioses presentes no *Facebook*, mas sim de que maneira elas interagem com a intenção de promover um diálogo virtual fiel ao presente no plano físico.

O gênero emergente *Facebook* proporciona, através de sua plataforma colaborativa, diversas formas de interação social através de quatro semioses: a escrita; a associação de fotos, conteúdos audiovisuais e imagéticos; a convergência entre as diversas plataformas digitais através da postagem de links; e a possibilidade de comunicação não verbal, pouco explorada em outras redes sociais.

Dessa forma, a análise das semioses presentes nesse gênero estudado inicia-se com a escrita. Ela foi escolhida por ser a semiose fundamental e necessária à existência das mídias virtuais, uma vez que centraliza em si toda a comunicação infligida por esse gênero, além de servir de base a toda a tecnologia digital. É correto lembrar que na internet e, por consequência nessa mídia social objeto de estudo, existe uma influência direta dos diversos conteúdos imagéticos e audiovisuais publicados na rede. Contudo, ainda assim, a escrita é necessária para a interligação de todos os tipos de comunicação ocorridas no ciberespaço (SOUZA; CARVALHO;



SANTOS, 2006 e MARCUSCHI, 2005, p.19).

Quanto ao *Facebook*, a interação entre os usuários através dessa semiose pode ocorrer de diversas formas. A primeira delas, apresentada pela Figura 01⁵, é a postagem de informações e comentários efetuados pelo usuário-moderador. Tal mecanismo confere ao participante da rede a possibilidade de postar conteúdos diversos, através de múltiplas plataformas, que servirão como base do processo conversacional necessária para a interação intra-usuários e a criação ou manutenção de laços sociais (RECUERO, 2009, p. 31a).



Figura 01: Compartilhamento de informações

A Figura 02, por sua vez, apresenta a interação entre os usuários-seguidores e as informações postadas pelos usuários-moderadores, apresentadas anteriormente. Esse intercâmbio de informações utiliza as mesmas plataformas e ferramentas comunicacionais apresentadas, contudo, nesse caso, os diálogos e interações são efetuados em resposta a alguma forma de estímulo realizada pelo usuário-moderador. Destaca-se que nos dois casos propostos, todos os comentários deflagrados pelos usuários ficam visíveis aos outros participantes da rede, ativos no processo, ou não.



Figura 02: Compartilhamento de informações mediador-seguidor

A última possibilidade de semiose escrita encontrada nesse gênero diz respeito a uma comunicação direta e privativa entre os usuários

moderador e seguidor, sem a necessidade de um estímulo prévio de alguma das partes. Nesse caso os sujeitos podem dialogar através de um *chat online* promovido pela própria rede social, como verificamos na Figura 03, ou na forma de comentário reservado como verificamos na Figura 04.



Figura 03: Chat online

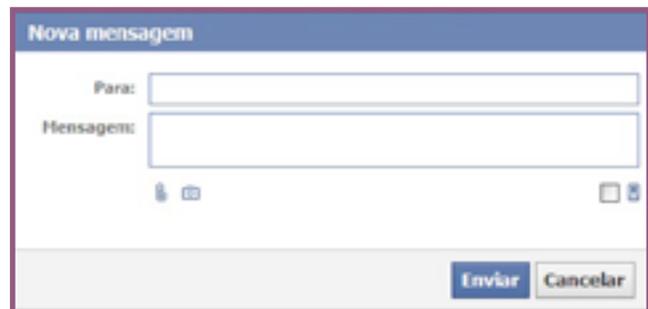


Figura 04: Comentários reservados

Pode-se observar que as diferentes formas de interação escrita garantidas aos usuários dessa rede objetivam proporcionar aos diálogos *online* as mesmas possibilidades previstas nas conversas face-a-face, tais como a possibilidade de interagir com mais de um locutor ao mesmo tempo ou, ao contrário, a possibilidade de trocar informação com apenas alguns poucos locutores de forma reservada, ou ainda a possibilidade de publicar indagações pessoais e ao mesmo tempo consumir informações apresentadas por outras pessoas.

Nesse caso, a diferença básica entre as diversas formas de comunicação escrita aqui apresentadas é que no *chat* o diálogo acontece em tempo real e de forma totalmente privada, porém necessita que os dois usuários estejam participando de forma online durante o processo comunicacional, ao passo que as outras formas podem ou não ser particulares e em tempo real, entretanto proporcionam a possibilidade de interação entre os usuários de forma *offline* durante o processo.

⁵ Todas as figuras apresentadas nesse estudo foram retiradas de um perfil pessoal do site Facebook, e podem ser observadas no endereço www.facebook.com



Outro ponto percebido é que a comunicação escrita nessa rede, e em todas as outras formas de interação ocorridas na internet, definidas por CRYSTAL (2001) como *etiqueta netiana*, segue um padrão sógnico específico e compreensível apenas para os usuários da rede, advindo do poder colaborativo na internet (SANTAELLA,2011, p.28). Como observamos nesses fragmentos de diálogos abaixo realizados entre os usuários e retirados da rede social *Facebook*:

Homem: :)

Mulher: kkkkkkkk

Homem: :P

Mulher:iaaaaahvahahahahahahahahahah

A possibilidade de associar fotos, vídeos e outros conteúdos imagéticos à comunicação escrita imposta pelos usuários, como observamos nas Figuras 05 e 06, é outra semiose observada, que enriquece o diálogo entre os usuários e aumenta as possibilidades semânticas da conversação, corroborando com Bakhtin (1997, p.281) em sua discussão sobre a complexidade da formação dos gêneros, uma vez que, durante a sua inclusão nesse novo gênero digital, os recursos audiovisuais perdem a relação direta com a sua realidade anterior, passando a fazer parte dessa nova realidade em que foram inseridos.



Figura 05: Comunicação com a utilização de conteúdos imagéticos



Figura 06: Comunicação com a utilização de conteúdos audiovisuais

A intersecção entre essas semioses apresentadas, ou seja, a possibilidade de inclusão de imagens e conteúdos não-verbais no processo de enunciação digital e os signos únicos observados na linguagem dos internautas como tentativa de externar no momento da enunciação suas emoções (os conhecidos emotions, tais como os observados na Tabela 01), contribui para um aumento na qualidade semântica do processo de conversação, uma vez que essas ferramentas emprestam ao conteúdo escrito que serviu de base ao fluxo conversacional, um pouco das intenções e expressões que o autor desejava imprimir no ato enunciativo, tal como ocorreria em um diálogo face-a-face.

Signo	Significado
:)	O autor está feliz
: (O autor está triste
: O	O autor está assustado
: *	O autor está enviando um beijo
;)	O autor está piscando
: x	O autor está proibido de falar
: P	O autor está mostrando a língua
: D	O autor está rindo
S2	Coração
Kkkkk	Risada
Hahaha	Risada
Hehehe	Risada
Rsrtrs	Risada

Tabela 01: Os signos na linguagem digital e seus significados

Nesse contexto, pode-se afirmar que a comunicação virtual mediada pela escrita é complexa e necessita da articulação de diversos elementos para dotar de sentido e significados, a qual depende de um conhecimento prévio dos códigos por parte dos interlocutores para acontecer. Tal visão corrobora os estudos de Bakhtin (1978, p.124), que afirma que a comunicação escrita é um ato denso por depender da articulação e da



tradução de expressões verbais faladas como gestos, sonoridades, expressões faciais etc.

A convergência tecnológica e comunicacional entre as diversas plataformas midiáticas presentes na rede, como por exemplo, *sites*, *blogs* e outras redes sociais, através da utilização de *links* para outros portais eletrônicos, perfis de outros usuários pertencentes às diversas redes, como verificamos na Figura 07, também são importantes semioses encontradas no *Facebook*, uma vez que a fronteira do espaço semiótico, aqui caracterizada pelas diversas plataformas existentes, “não é um conceito artificial, mas uma importante posição funcional e estrutural que determina a essência do mecanismo semiótico da mesma” (LOTMAN, 1996, p.26, tradução nossa).

Nesse sentido, a intersemiose entre os *links* e as demais semioses já observadas contribui para a manutenção dos temas discutidos e compartilhados dentro da mídia social, ou seja, são as informações obtidas em outros *sites* que ajudam a alimentar os conteúdos debatidos, fazendo com que o plantel de informações seja perene. Para Bakhtin (1978, p.132), tal articulação é fundamental para o processo dialógico uma vez que todo discurso é desenvolvido com base em fragmentos de outros discursos enunciados por outras pessoas, ou seja, o dialogismo depende de ser reinterpretado, adaptado de conteúdos enunciados por outras pessoas.



Figura 07: Convergência com outros sites

Por fim, a última semiose encontrada nesse gênero digital emergente, as ferramentas “curtir”, “compartilhar” e “cutucar”, apresentadas nas Figuras 08, 09 e 10, respectivamente, são opções comunicacionais exclusivas dessa rede social e representam uma forma de comunicação não-

escrita e não-verbal transferidas do mundo físico para o mundo virtual. Através delas, os usuários conseguem expressar suas opiniões através de um simples toque, sinalizando ter gostado de um determinado conteúdo postado, repassando as informações observadas para que mais pessoas tenham acesso à mesma e chamando a atenção dos outros usuários.

Essas qualidades fazem dessas ferramentas objetos importantes para esse estudo, uma vez que esse tipo de comunicação, que não necessita da interação escrita, é a que mais influencia os intercâmbios sociais (MENDES, 2004).

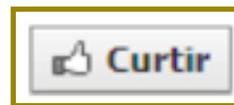


Figura 08: Ferramenta Curtir



Figura 09: Ferramenta Compartilhar

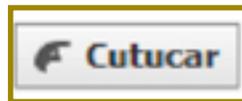


Figura 10: Ferramenta Cutucar

Com base nas informações discutidas, pode-se concluir que o poder colaborativo da rede social *Facebook* e as intersemioses de suas ferramentas comunicacionais contribuem para a promoção da interação social entre seus usuários e para uma melhoria no processo enunciativo, através do ganho de sentidos proporcionado às mensagens. Além disso, o fato de reunir em um mesmo ambiente as características e ferramentas encontradas nos outros gêneros dessa categoria, como os *chats online*, os *e-mails*, os *blogs* etc, além de características únicas encontradas apenas nessa rede social, colaboram para a ascensão dessa mídia social à categoria de gênero digital emergente.



Considerações finais

A discussão acerca das intersemioses nos gêneros emergentes não é tarefa fácil, uma vez que ainda não existe um consenso na definição desses dois conceitos e que, no mesmo ritmo que as tecnologias evoluem, os estudos a respeito desse assunto também avançam e novos conceitos e definições emergem. Entretanto, o aprofundamento dos estudos desse tema é primordial para a compreensão dos caminhos trilhados pela nova comunicação digital.

É inegável que hoje boa parte da comunicação interpessoal é mediada por alguma espécie de meio eletrônico ou digital, e é possível crer que em pouco tempo a comunicação em sua quase totalidade dependerá desses artifícios, e por isso compreender de que forma o processo enunciativo se constrói nesse novo meio comunicacional e quais são as suas ferramentas contribuirá para a manutenção do diálogo social.

É correto afirmar que nunca será possível a compreensão de todos os gêneros emergentes em sua totalidade, uma vez que a cada dia novas plataformas comunicacionais serão desenvolvidas e novas atualizações serão propostas às plataformas existentes, entretanto o conhecimento acerca das plataformas atuais ajudará na compreensão dos mecanismos comunicacionais que virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Júlio C. A organização constelar do gênero chat. ANAIS do XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos. João Pessoa: Idéia. 2004.

BAKHTIN, Mikhail [VOLOSHINOV]. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988

_____, Mikhail. Estética da criação verbal. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. O texto e a construção dos sentidos. 6ª Ed. São Paulo : Contexto, 2002.

CASTELLS, Manuel. Communication power. New York: Oxford, 2009.

CRYSTAL, David. Language and the internet. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Uma revolução sem gramática. In: Riqueza da língua. Revista Veja. Editora Abril. Edição 2025 de 12 de setembro de 2007. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml >. Acesso em: 02 Jul.2011.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed 34, 1999.

LOTMAN, Iuri M. La semiosfera I.Semiótica de la cultura y del texto. Madri: Cátedra, 1996.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz. A.; Xavier, Antonio C. (orgs). Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção do sentido. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; BEZERRA, Maria A.; MACHADO Anna R. (orgs). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MENDES, Regina SAD. Endomarketing como ferramenta de comunicação com o público extern. In: Endomarketing.com, 2004. Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.endomarketing.com/diversos/artigo_publico_interno.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2011.



MILLER, Carolyn R. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: Aviva FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. Genre and the New Rhetoric. London: Taylos & Fracis, 1994.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Gêneros (digitais) em foco: por uma discussão sóciohistórica. Alfa, São Paulo, 54 (1): 33-58, 2010.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Meridional, 2009a.

Diálogos online. As intersemioses do gênero *Facebook*
Matheus Berto
Dra. Elizabeth Gonçalves

Data do Envio: 09 de agosto de 2011.
Data do aceite: 22 de outubro de 2011.

